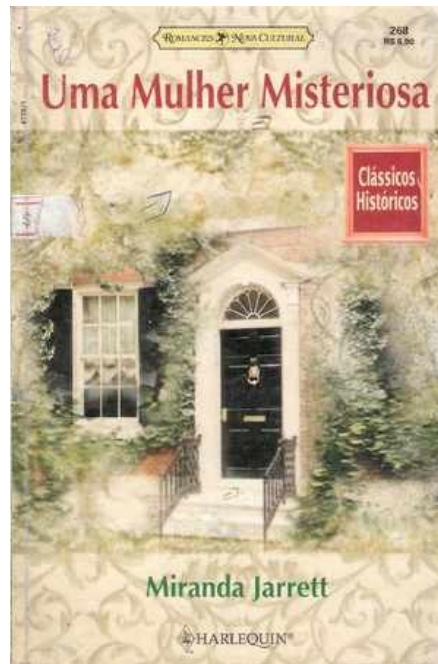


# UMA MULHER MISTERIOSA

The Silver Lord

Miranda Jarrett



***Seus segredos estavam a um fio de ser descobertos...***

Inglaterra, 1802

Aparentemente, Fan Winslow era uma afetada e idônea governanta de Feversham Hall. Mas, na verdade, Fan estava comandando um conhecido bando de contrabandistas baseado na inóspita costa dessa propriedade. E a chegada do novo proprietário de Feversham, o capitão George Claremont, ameaçava arruinar seu próspero negócio.

Tendo vivido na vergonha que seu dissoluto pai impusera a toda família, George vivia agora por sua honra e pelas leis do país. Cognominado Lorde de Prata por seus feitos heróicos em batalhas e também por sua reputação impecável, o célere herói da Marinha se achava determinado a acabar com qualquer atividade ilegal que houvesse em sua propriedade... mesmo que a vilã fosse uma bela e misteriosa mulher com olhos aos quais nenhum homem conseguiria resistir. Uma paixão turbulenta seria suficiente para unir para sempre os amantes que estavam em lados opostos da lei?

**Miranda Jarret – Uma Mulher Misteriosa  
(Class. Históricos 268)**



**Digitalização: Cris Andrade  
Revisão: Crysty**

Copyright © 2003 by Miranda Jarrett  
Originalmente publicado em 2003 pela Harlequin Books  
Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de  
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a  
Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos,  
são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas  
ou mortas terá sido mera coincidência.  
Título original: The Silver Lord

Tradução: Nancy Alves  
Editora e Publisher: Janice Florido  
Editora: Fernanda Cardoso  
Editoras de Arte: Ana Suely S. Dobón, Mônica Maldonado  
Paginação: Dany Editora Ltda.

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.  
Rua Paes Leme, 524 - 10s andar  
CEP 05424-010 - São Paulo - Brasil

Copyright para a língua portuguesa: 2003  
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Impressão e acabamento:  
RR DONNELLEY AMÉRICA LATINA  
Tel.: (55 11) 4166-3500

## **CAPÍTULO I**

### ***Feversham Downs, Kent Março de 1802***

Havia muita neblina junto à costa, tão espessa e fria que até parecia ser uma extensão do próprio mar, erguida dentro da noite apenas para aumentar o desespero de qualquer criatura que pudesse envolver.

Essa neblina fez a lua e as estrelas desaparecerem, bem como qualquer marca que pudesse haver na terra firme, e até o grande estrondo das ondas contra as pedras parecia abafado agora. Era uma noite terrível em que nenhuma criatura, cristã ou não, humana ou não, deveria se arriscar. Muito menos uma mulher...

Mas, para Fan Winslow, aquele cenário era o mais perfeito que poderia haver.

— Mantenha a luz encoberta, Bob — ela orientou o homem que vinha a cavalo, próximo dela. — Mesmo neste nevoeiro, não quero arriscar que nos vejam.

Bob obedeceu de pronto, encobrindo a luz da lanterna de latão que estava na estaca, na praia. Seus movimentos evidenciavam os estranhos contornos sob suas vestes, que delineavam as pistolas enfiadas em seu cinto.

Quase nunca havia problemas, mas estavam sempre armados, naquele tipo de negócio, seria tolice arriscar agir de outra forma.

Satisfeita por ver que a lanterna se achava quase apagada, Fan assentiu e puxou mais a capa sobre sua cabeça. Porém, o frio era cortante. Aquela névoa era assim, como dedos gélidos penetrando pela pele, sem se importar com a barreira de meias ou corpetes, ou blusas de lã. O único calor de fato vinha do corpo do cavalo que Fan montava, visto que a capa que estava sobre ele fora feita exatamente para protegê-lo de um tempo inclemente como aquele.

Fan remexeu-se na sela, puxando o cachecol para seus lábios, tentando manter a postura de dama, apesar da maresia gélida, que fazia seu rosto queimar e seus olhos lacrimejarem, além de grudar os poucos fios de cabelo que escapavam para fora da touca.

No entanto, ela e Bob Forbert continuavam ali, na praia, determinados, fitando o mar quase invisível, estudando a direção em que o pequeno

**Miranda Jarret – Uma Mulher Misteriosa  
(Class. Históricos 268)**

barco deveria estar, esforçando-se tanto para ver alguma coisa que seus olhos chegavam a doer.

Com exceção dos poucos cuidadosos que conheciam a verdade, ninguém estava a par do posto que Fan ocupava em Feversham Hall, e muito menos poderia entender por que ela se arriscava dessa forma vindo até ali no meio daquela noite e de muitas outras.

Fan soprou para dentro do cachecol, esperando, dessa forma, aquecer-se um pouco mais, e apertou as rédeas entre as mãos, que lhe doíam devido ao frio. Era um momento excelente para o tipo de comércio que faziam, um clima ideal, na realidade. Uma neblina assim tão espessa conseguia guardar segredos tão bem quanto um túmulo.

Contudo, não sabia ao certo desde quando estava ali, junto ao mar, sentindo aquela espécie de cerração marinha, que vinha até seu rosto, esfriando-o ainda mais. Poderiam ser duas horas, três até. Desejava consultar o relógio de bolso que trazia preso às vestes, mas isso seria demonstrar fraqueza, preocupação, ansiedade, como se não tivesse planejado e participado de cada detalhe daquela empreitada.

Não podia deixar que Bob suspeitasse de sua insegurança. Não iria permitir que ele, ou nenhum dos outros, a visse fraquejando, tinha de ser, para eles, de uma confiança absoluta.

"E não foi isso que seu pai lhe ensinou?", lembrava-se. Nunca deveria mostrar fraqueza diante daqueles que dependiam dela. Ele diria: "Essa gente é nosso povo. São sua responsabilidade, e deve estar pronta para colocá-los sempre em primeiro lugar. Porque é assim que sempre foi para os Winslow. Temos de ser corajosos, ter certeza do que fazemos e sermos francos. Porque, se não for assim, filha, jamais ganharemos o respeito deles, bem como sua lealdade. Aliás, nem os mereceremos".

Mas seu pai nunca poderia imaginá-la em seu lugar, ali, na praia, esperando com aquela lanterna escondida e usando armas, rezando para ter dito as coisas certas para que os homens pudessem seguir suas instruções.

— Pelo menos, não haverá casacas vermelhas atrás de nós, hoje, senhora — disse Bob, interrompendo os pensamentos de Fan. — E muito menos as casacas azuis. Ah, eles não iriam sair numa temperatura destas!

— Sim, eles preferem o bom tempo. Então, que fiquem diante de suas lareiras e nos deixem cuidar de nossas vidas em paz.

Fan recordava a noite quente e clara, no último verão, tomada pelo aroma suave do feno e dos trevos, quando seu pai deixara que aquela bebedeira

**Miranda Jarret – Uma Mulher Misteriosa  
(Class. Históricos 268)**

causada por puro conhaque francês lhe tirasse o bom senso, na Taverna Tarry Man. Bêbado, ele caminhara para o pântano com seu amigo Tom Hawkins, os dois cantando músicas desafinadas contra o rei, certos de que logo chegaria um barco vindo da Bolonha.

Aquela foi a última coisa que soube sobre seu pai. Ninguém mais ouvira falar nele desde então. Alguns diziam que ele e Tom haviam caído no oceano e se afogado, devido à embriaguez, outros acreditavam que tinham sido assassinados e que seus corpos foram escondidos por algum bando concorrente.

Existia ainda uma versão, muito popular na Taverna Tarry Man, que dizia que os dois resolveram embarcar em algum navio com destino à França e que estavam por lá, bebendo seu conhaque e perseguindo senhoras de má reputação, tendo esquecido por completo o que faziam antes.

Mas todas essas histórias nada mais eram do que suposições, sem prova alguma de que tivessem acontecido. Tudo o que Fan sabia era que o sr. Winslow jamais retornara, que sentia muita falta dele e que, desde aquela malfadada ocasião, assumira o lugar que ele costumava ocupar, esperando e rezando para que retornasse.

— Ali, senhora! — Bob apontou, animado. — Lá está o barco! Como a senhora disse que estaria!

Fan assentiu mais uma vez, ocultando seu alívio. Quase chegara a duvidar que Ned Markham se arriscasse a trazer o Sally até perto da costa, mas agora também ela conseguia ver a luz bruxuleante e amarelada que devia estar na proa. O sinal era o mesmo que sempre usaram: um brilho rápido, depois mais dois lentos.

Fan inclinou-se um pouco para a frente, para descobrir a lanterna e responder ao sinal com um reverso de dois brilhos lentos e um rápido. Depois, por fim, descobriu de vez a luz e deixou que ela brilhasse, firme, numa espécie de farol improvisado. Sabia que o piloto do Sally precisaria de tal sinal para se localizar melhor, caso contrário, seria quase impossível descobrir onde ficava a entrada do canal estreito que chamavam de Tunford Stream.

Bem longe, nas dunas, os outros estavam à espera, os chamados Homens da Companhia, montados em seus cavalos, bem como os carregadores contratados para essa noite. Todos trabalhariam com tripulação do Sally, eficientes, para trazer trezentos e cinquenta quilos de chá chinês para a praia sem pagar um só centavo à Alfândega ou à Coroa.

**Miranda Jarret – Uma Mulher Misteriosa  
(Class. Históricos 268)**

Fan observou o barco se aproximando, a vela mal aparecendo por entre o nevoeiro. O tédio de ter ficado ali, aguardando, começava a se esvaír, e as próximas horas passariam voando, numa corrida contra a madrugada.

Se tudo acontecesse como planejado, veria o último burro carregado com sacas de chá seguindo pelas colinas antes que de o dia raiar, e estaria de volta a Feversham, chegando lá antes de ouvir o primeiro galo cantar, esgotada, querendo apenas subir as escadas da parte de trás da mansão e atirar-se em sua cama.

— Quem levará nosso chá desta vez, senhora? — Bob quis saber, tremendo, talvez de excitação, talvez de frio. — Será o dono da hospedaria em Lydd, como na semana passada, ou aquele novo camarada de Londres?

— Fique em silêncio, Bob — Fan ordenou, ríspida, atônita diante do modo liberal que ele usava ao falar. — Já não lhe disse para não ficar falando sobre o que fazemos aqui?!

— Mas, senhora, eu...

— Não diga nada. Nem mesmo para mim. Ou é esse o caminho que quer seguir, Bob Forbert? Pondo-nos todos a perder com essa sua mania de falar demais?

— Não, não, senhora! — Bob assoprou os dedos, que saíam das luvas cortadas. — Nem em sonho!

— Nem em sonho e nem acordado! Se quer partilhar dos lucros da Companhia Winslow, deve aceitar e seguir nossas regras!

— Está certo, está certo! A senhora sabe que tenho minha família para alimentar. Não sou como a senhora, que só tem a si mesma para sustentar.

Aquelas palavras atingiram-na. Mas, como eram a expressão da verdade, o que poderia responder?

— Cale-se, Bob. E diga aos outros que o Sally está próximo. Seguirei sozinha assim que não tiver mais dúvida de que viram nossa luz.

Bob fez seu cavalo voltar-se e seguiu pela areia, enquanto a égua montada por Fan remexia-se, ansiosa por seguir também. Mas Fan a controlou, imaginando se a pressa de Bob em se afastar era porque estava ávido por mostrar sua lealdade ou por se afastar das críticas e repressões que lhe fizera.

Sabia o que alguns dos Homens da Companhia diziam a suas costas. Falavam que, desde que seu pai desaparecera, Fan endurecera, ficara

**Miranda Jarret – Uma Mulher Misteriosa  
(Class. Históricos 268)**

com a língua afiada, amarga. Não importava que a Companhia Winslow continuasse a prosperar sob sua liderança, ou que as entregas estivessem muito melhor planejadas agora, nem mesmo que os lucros tivessem aumentado muito, apesar de as patrulhas do governo estarem espalhadas pela costa, com o fim da guerra. Tudo o que os Homens da Companhia tinham de fazer era se contentar em receber ordens de uma mulher, o que não apreciavam muito, mesmo sendo ela filha de Joss Winslow.

Fan não queria pensar em quanto tempo mais eles acatariam suas ordens, nem no que faria caso eles decidissem não mais ouvi-la. Mas fazia o que achava que Joss iria gostar: mantinha a Companhia Winslow unida e aceitava os dias e as noites como eles vinham, sempre valente e diligente. Tanto na Companhia quanto em Feversham, sempre se orgulhara de ser uma trabalhadora eficiente e em desempenhar suas tarefas da melhor maneira possível.

No entanto, nada parecia estar certo em sua vida. Desde o último verão afligiam-na os mesmos sentimentos que experimentara ali, na praia, nessa noite: estava vazia e Iria, e sem alegria alguma no coração. E absolutamente, completamente, só.

## **CAPÍTULO II**

“Prepare-se sempre para o pior e nunca ficará desapontado.” Esse não era o tipo de ditado bem-humorado que guiava as vidas da maioria dos nobres ingleses, na época. Sangue azul e privilégios em geral não vinham juntos com tal pessimismo. E, embora lorde George Claremont, capitão da Marinha Real, tivesse, de fato, nascido como segundo filho legítimo do duque de Strachen, aprendera, por meio de dura experiência, que o pior podia estar esperando na próxima esquina e com muita frequência.

Não era de se estranhar, portanto, que, seguindo no coche de aluguel, George continuasse pensando em como melhor atacar aquele resto de manhã cinzenta em Kent.

Atacar talvez não fosse o melhor termo, analisou, visto que se encontrava no mundo considerado civilizado, e gente civilizada não tinha por costume atacar fosse o que fosse. E devia lembrar-se disso sempre, mesmo que fosse contra seus hábitos, adquiridos em dezoito anos de lutas.

**Miranda Jarret – Uma Mulher Misteriosa  
(Class. Históricos 268)**

Impaciente, arrancou um fiapo de algodão grudado em seu impecável uniforme azul. Fazia muito tempo que não usava um assim, tão novo e elegante. Dezoito anos! Só agora conseguia parar para pensar nesse número.

Tinha apenas onze quando fora, sem maiores preocupações, mandado para o mar, como aspirante num navio da Marinha de Sua Majestade. E fora a Marinha que lhe dera estrutura e valores que sua própria família nunca tivera. Sobrevivera, mesmo não querendo, em certos momentos de desespero, e chegara até a prosperar. Agora, aos vinte e nove anos, era capitão de uma das mais rápidas fragatas em serviço, que tinha a melhor tripulação dos mares, e estava tão feliz quanto qualquer homem poderia estar em sua situação.

Melhor dizendo, estivera feliz, pois, desde que os políticos assinaram aquele armistício infernal, tivera de voltar ao porto, como qualquer outro homem do mar.

Pelo menos, se achava bem melhor do que seus colegas de profissão, e recordava muito bem a sorte que o tinha trazido até ali, a Kent. E olhou mais uma vez para a folha de papel impressa que o agente imobiliário lhe entregara em Londres, e que dizia: "Feversham Hall. Belíssima moradia, em excelente estado de conservação no condado de Kent. Situada em local agradável e discreto, um maravilhoso refúgio para um cavalheiro e sua família. Disponível para ocupação imediata".

Um desenho feito a bico de pena ilustrava o lugar, uma residência em estilo antigo, decerto construída na época áurea da rainha Elizabeth, cheia de janelas enormes e varandas ao redor. Ao que parecia, havia roseiras em cada lado da casa, e árvores frondosas que ladeavam a entrada principal. Via-se também algo que lhe pareceu ser um lago ou uma fonte, com uma deusa grega carregando uma trompa.

Mesmo sem acreditar que o local fosse de fato como estava ali desenhado, George franziu a testa diante do papel, imaginando que devia haver morcegos nas chaminés e ratos escondidos em meio às paredes, além de goteiras em todos os cômodos do andar superior. Não, não precisava de uma casa assim, no campo...

Não caçava e não dava festas e reuniões que pudessem reunir muitas pessoas num local como aquele durante os fins de semana. E essas eram as duas grandes razões pelas quais os nobres tinham casas de campo.

Também não considerava imprescindível ter um imóvel enorme que carregasse seu nome. Horrível imaginar que iriam se referir a ele como "lorde George Claremont, de Pretentious Hall". Não, nada de ostentação.



**Miranda Jarret – Uma Mulher Misteriosa**  
**(Class. Históricos 268)**

Além do mais, nem pretendia ficar em terra firme mais do que o necessário. O anúncio podia prometer uma bela propriedade para um cavalheiro e sua família, mas George não tinha sequer uma esposa e, devido a sua profissão, nem pensava em arranjar uma.

No entanto, pela primeira vez, tinha condições de sustentar o título com o qual nascera. Não herdara o ducado, muito menos as dívidas de seu pai, graças a Deus, como seu irmão mais velho, Brant. Mas ainda era um Claremont e havia certas obrigações para com os seus que deveriam ser mantidas. Era oficial do rei, e não podia passar o resto de seus dias morando numa cabine de navio e parando apenas de vez em quando de porto em porto, com breves passagens por uma ou outra taverna.

O coche diminuiu a marcha para dobrar a rua principal, e George, agora com interesse renovado, olhou para fora, observando a paisagem. Notava-se uma certa sensação de selvageria naquela região de Kent, e sempre a apreciara, era um lugar muito diferente da pacata e ensolarada Sussex, onde nascera. E ficava longe o suficiente de Portsmouth, o que lhe dava a desculpa perfeita para não ter de freqüentar saraus em casa de almirantes com suas esposas aborrecidas.

Também equidistava de Claremont Hall, onde Brant morava, e de Chowringhee, a casa de nome esquisito que seu irmão mais novo, Revell, construía para sua nova esposa, Sara.

Nesse dia tão encoberto, o tom cinzento do céu parecia mesclar-se ao do contorno das montanhas Romney, num lugar que ficava entre a terra e as águas inquietas do canal. Dizia-se que aquela costa tinha uma história um tanto triste, cheia de naufrágios e contrabandos, e George constatava que parecia, mesmo, ser assim.

As poucas árvores pareciam ter sido dobradas pelo vento inclemente e, até o horizonte, não era possível ver rolos hospitaleiros de fumaça que indicassem a presença de uma chaminé e, em conseqüência, de um lar. Ao que parecia, não seria perturbado por vizinhos incômodos.

Notou algumas gaivotas pairando no ar e um bando de ovelhas pastando perto de algumas pedras. Aquelas eram as únicas criaturas vivas que se podiam ver em centenas de metros.

O cocheiro fez nova curva e praguejou, na tentativa de controlar melhor os cavalos. A estrada que pegavam agora era mais estreita e ondulada, e George teve de se segurar para não bater com a cabeça no teto do veículo. Mais um modo de evitar visitantes indesejados, analisou, satisfeito, tentando visualizar algo que lhe indicasse a presença da casa. Mais uma vez, foi sábio em esperar pelo pior.

**Miranda Jarret – Uma Mulher Misteriosa  
(Class. Históricos 268)**

Sem dúvida, o artista londrino que fora incumbido de desenhar o imóvel nunca a vira pessoalmente, devia ter feito a ilustração com base na descrição de outra pessoa. E, como na fábula dos cegos árabes com o elefante, a realidade era bem diferente do papel...

Havia as paredes antigas, as imensas janelas e os rebuscados desenhos da fachada, sim, mas nem sinal dos graciosos carvalhos ou das roseiras. E a entrada não era nem um pouco acolhedora. Na realidade, não passava de um caminho um tanto tosco que levava à porta principal.

— Acabamos de chegar, lorde capitão! — anunciou o cocheiro, pulando para o chão e abrindo a porta do coche. Seu rosto estava afogueado, queimado pelo frio, e sua respiração saía em baforadas de vapor. — Feversham Hall, sir!

Um rapazola desconfiado apareceu para tomar conta dos cavalos, vindo dos estábulos da mansão. George apenas assentiu, atento demais à residência em si para prestar atenção a qualquer outra coisa.

Avaliava a situação de deterioração de certas partes da fachada. Lançou um olhar para o garoto que segurava as rédeas dos animais e concluiu que até ele precisava aprender a pentear os cabelos e a se portar de maneira correta.

Se ficasse com a propriedade, George sabia que teria muito trabalho para restaurá-la a seu gosto. Talvez tivesse de trazer alguns de seus homens da Nimble para que cuidassem para que tudo saísse bem na reforma, a começar por encher os buracos naquele caminho que ainda não se poderia chamar de entrada.

George tornou a sorrir, permitindo-se um breve sorriso de antecipação. Estava diante de um desafio. E, se aquele infeliz tratado de Addington colocara os franceses além de seu alcance, pelo menos por enquanto teria de direcionar suas energias, bem como as de sua tripulação, à restauração de uma mansão que já fora, ao que parecia, belíssima. Afinal, a palavra "ataque", que dispensara fazia pouco, poderia ser considerada ideal.

Subiu os degraus com passos pesados e bateu na imensa porta de carvalho. O agente imobiliário devia ter mandado avisar que ele viria ao caseiro que vivia ali. E, ao que parecia, George concluiu, o tal caseiro era bastante negligente em relação a seus deveres para com a propriedade e bastante lento também para atender à porta. Se In asse com o imóvel, uma de suas primeiras atitudes seria mandar o sujeito fazer as malas e desaparecer.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

